



DE SHARM EL-SHEIKH A DUBAI:

*Depoimentos de quem
esteve na COP27*



ÍNDICE

CARTA DA PRESIDENTE	3
DEPOIMENTOS	4
<i>Felipe Bittencourt</i>	5
<i>Mariana Lisbôa</i>	6
<i>Celso Fiori</i>	7
<i>Raphael Falcioni</i>	8
<i>Fernanda Facchini</i>	9
<i>Luiza de Vasconcellos</i> <i>e Fabio Luiz Guido</i>	10
<i>Renata Amaral</i>	11
<i>João Carlos Salgueiro de Souza</i>	12
<i>Malu Paiva</i>	13

Não é novidade que o combate às mudanças climáticas exige um esforço conjunto entre agentes públicos e setor privado. A boa notícia é que vemos uma participação crescente do setor privado nas COPs e maior preparação e entendimento dos executivos que acompanham de perto as difíceis negociações no escopo da Convenção-Quadro das Nações Unidas para Mudanças Climáticas (UNFCCC). Como voz do setor privado global e da economia real junto à UNFCCC, a ICC acredita que esse engajamento é essencial para manter a ação climática no caminho certo.

É nesse contexto que buscamos aumentar a visibilidade de iniciativas. Há anos a ICC reúne uma delegação qualificada nas COPs, mas 2022 marcou a primeira vez que estivemos com um espaço físico na Zona Azul – um verdadeiro hub para conectar negociadores, autoridades, executivos e sociedade civil, e promover debates importantes ao longo das duas semanas em Sharm El-Sheikh.

Foi também para a COP27 que a ICC Brasil somou esforços ao Reset no compromisso de informar com transparência e confiabilidade os principais acontecimentos direto do Egito a um maior público. Este e-book reforça nossa missão de dar voz às empresas brasileiras e provocar discussões relevantes ao futuro de nosso país e de nossa sociedade, em especial na preparação para a COP28 nos Emirados Árabes no final do ano.

Ainda que a COP27 tenha sido uma “conferência intermediária” e tenha elevado as expectativas em relação à COP28, não há dúvida de que os avanços são importantes. Para este ano, esperamos que sejam concluídas as negociações que ficaram em aberto e que o setor privado mantenha sua disposição em contribuir com as discussões globais e ser parte da solução.

A ICC Brasil seguirá trabalhando por um futuro que equilibre o desenvolvimento econômico e social e a responsabilidade ambiental. E como esse futuro só será possível se construído coletivamente, não poderíamos deixar de agradecer ao Reset pela parceria e às empresas de nossa rede, especialmente Good Karma Partners, Itaú, Mercuria Energy Trading, Natura, Schneider Electric, Suzano, Trench Rossi Watanabe, Vale e WayCarbon que aceitaram participar dessa iniciativa e compartilhar suas impressões e expectativas em relação ao avanço da agenda multilateral.

Esperamos que o conteúdo aqui reunido traga subsídios e os apoie em sua preparação para a COP28. Boa leitura!

Gabriella Dorlhac | *Diretora Executiva da ICC Brasil*



Depoimentos

“ESPERO RESULTADOS MAIS PALPÁVEIS PARA A COP28”

Felipe Bittencourt, CEO da WayCarbon

A COP27 teve menos ações práticas do que o esperado. O grande avanço foi na agenda de perdas e danos, com o reconhecimento dos países ricos que existe uma externalidade negativa da mudança do clima para os países menos desenvolvidos. Contudo, ainda não se viu nenhum país direcionando capital para essa agenda, e o prazo para isso ser feito ainda não está claro. Vale lembrar que os países já estavam comprometidos com um fundo para clima de US\$100 bilhões por ano, acordo firmado em encontros anteriores, que ainda não foi implementado.

O setor privado esteve em peso. Foram muitos os debates entre altos executivos de grandes empresas brasileiras. O tema é tratado cada vez mais como estratégico e relevante para a competitividade das empresas. Diversas empresas também assumiram compromissos de longo prazo como as metas Net Zero. Ressalto ainda a carta aberta assinada por mais de 100 grandes empresas internacionais participantes da *Alliance of CEO Climate Leaders* se comprometendo a trabalharem lado a lado com os governos.



Houve também a regulamentação do artigo 6 do Acordo de Paris, mas ainda é preciso definir como esse novo mercado de carbono regulado funcionará. Algumas perguntas seguem em aberto: quais tecnologias poderão gerar créditos? Exemplo: energia renovável e redução do desmatamento serão aceitas? Quais critérios metodológicos deverão ser seguidos? Tudo isso ainda precisa de definição.”

Espero, para a COP28, resultados mais palpáveis. A agenda de mercado de carbono deve avançar mais rápido na conferência deste ano, com as definições faltantes dos artigos 6.2 e 6.4. E o tema do financiamento climático tende a ser um dos temas dominantes no debate.



“O BRASIL DEVE SE POSICIONAR COMO FACILITADOR PARA ACORDOS CLIMÁTICOS”

Mariana Lisbôa, *Head Global de Relações Corporativas da Suzano*



Entendo que a COP27 foi uma COP intermediária, sem grandes decisões e ações para a implementação de acordos. Ainda assim, houve alinhamentos importantes de posições e ideias entre os negociadores.

É claro que esperamos um senso de urgência proporcional à emergência climática que vivemos, mas não podemos subestimar a importância do processo negociador para pavimentar o rumo mais correto e sustentável de ação global.

O setor privado brasileiro se mostra em um envolvimento crescente com medidas de combate à mudança climática. São iniciativas reais e efeitos concretos, sem deixar margem para greenwashing.

Nesse sentido, não posso deixar de mencionar o importante anúncio da criação da empresa Biomas, uma parceria da Suzano com Itaú, Marfrig, Rabobank, Santander e Vale. É uma empresa totalmente dedicada às atividades de restauração, conservação e preservação de florestas no Brasil.



O objetivo da Biomas é, ao longo de 20 anos, atingir uma área total restaurada e protegida de 4 milhões de hectares de matas nativas em diferentes biomas, como Amazônia, Mata Atlântica e Cerrado. A área equivale à do estado do Rio de Janeiro.”

Para a conferência de 2023, espera-se a resolução para os temas que ficaram em aberto. Olhando para o Brasil, o país deve sempre se colocar como um facilitador para acordos e definições pendentes.

O país tem uma posição única e precisa ser ouvido e respeitado. Nesse horizonte, devemos ter como meta a concretização do potencial da economia verde brasileira, não por mero benefício econômico, mas por ser ela também fator central no combate à crise climática global.

“É PRECISO TER UMA PREPARAÇÃO PRAGMÁTICA PARA A CONFERÊNCIA”

Celso Fiori, *Head de NCS e Bioenergia Brasil da Mercuria Energy*

Acredito que a COP27 poderia ter tido avanços mais substanciais se houvesse uma preparação pragmática e contundente, deixando claro para os stakeholders quais as expectativas para o encontro.

O setor privado esteve representado de forma relevante, mas tenho a impressão de que ações práticas do setor privado (especialmente dos elos mais emissores da economia) tendem a acompanhar a contundência e o “mood” da conferência.

Uma conferência sem a devida contundência e pragmatismo levou boa parte do setor privado a responder de forma semelhante. Resultado disso foi um considerável número de anúncios de intenções e potenciais investimentos, mas pouca ação prática de reduzir emissões de fato e/ou compensar emissões com offsets.



Para a conferência de 2023, espero que o Brasil se preocupe mais em identificar e se comprometer com o que é possível melhorar em vez de se dedicar quase exclusivamente a “vender” o que o país já faz. Ambas as ações são importantes, mas falta ênfase no que é possível avançarmos.”

Em termos mais gerais, minha expectativa é de que se consiga desenhar, como colocar em prática os muitos pontos que ficaram em aberto no ano passado. É preciso, por exemplo, ter atribuição de responsabilidades no curto, médio e longo prazos, além de diretrizes claras para os mercados de carbono terem alta integridade e qualidade. É preciso que esses mercados, tanto o voluntário quanto o regulado, tenham a devida valorização, com menor volatilidade de demanda e horizonte estável de crescimento.



“O SETOR PRIVADO TERÁ DE SER UM DOS GRANDES PROMOTORES DA AGENDA CLIMÁTICA GLOBAL”

Raphael Falcioni, *Sócio da Good Karma Partners*



Saímos da COP27 com a certeza de que o Brasil tem um papel fundamental na resolução dos problemas relacionados ao clima, sobretudo em virtude de sua capacidade de inovação tecnológica verde, produtividade agrícola, matriz energética limpa e rica floresta tropical. Aqui na Good Karma enxergamos a questão climática como uma oportunidade histórica para o país liderar globalmente esse debate.

Embora represente um progresso importante, a discussão sobre o fundo de perdas e danos na COP27 ilustra de forma clara as limitações inerentes a um processo multilateral estruturado em decisões consensuadas. É uma dinâmica que requer tempo. Diante de tantas incertezas e obstáculos, fica muito claro que o setor privado terá de ser um dos grandes promotores da agenda climática global.



Neste contexto, as oportunidades para financiamento de novos projetos, tecnologias e ideias serão, sem dúvida, abundantes. Mas o fluxo de investimentos privados terá de acelerar muito se quisermos alcançar o Net Zero até 2050.”

Estima-se que já tenham sido alocados aproximadamente US\$ 222 bilhões pelo setor privado somente na pauta climática entre 2013 e primeiro semestre de 2021. Se, por um lado, parece ser algo significativo, por outro é somente uma fração dos cerca de US\$ 150 trilhões estimados como necessários para cumprir esse objetivo ao longo das próximas três décadas.

Para a COP28 estamos ansiosos para ver avanços nas discussões sobre financiamento de projetos de clima, definições sobre o fundo de perdas e danos, conclusões sobre o Artigo 6, além de diretrizes para a agricultura sustentável. Esperamos também ver novos dados sobre o aquecimento global, para que os países possam revisar suas NDCs até 2025.

“PARA A NATURA&CO, TEMAS COMO JUSTIÇA E FINANCIAMENTO CLIMÁTICO SÃO FUNDAMENTAIS”

Fernanda Facchini, *Head of climate change and circularity da Natura*

A COP27 manteve uma tendência que se acelerou na COP26 de uma presença importante do C-Level de diferentes setores e discussões pautadas na agenda de implementação. Vimos uma atuação mais forte dos países do sul global reforçando a temática de justiça climática. Destaco as atuações do Brasil e da Colômbia, num processo inclusivo dos povos originários. Isso reafirma a importância dos diálogos entre os diferentes stakeholders para a proposta de soluções que conduzam à transição para uma economia de baixo carbono, passando pelo tema de energia, emprego e desenvolvimento social.



Para a Natura&Co, que tem uma forte atuação na América Latina, temas como justiça climática com inclusão das diferentes partes, como a aceleração dos mecanismos de financiamento climático e a incorporação de soluções baseadas na natureza (NBS) são fundamentais.”



A regulamentação do artigo 6 e o desenvolvimento do mercado brasileiro voluntário de carbono são temas que precisam seguir com discussões cada vez mais robustas e amplas, incluindo o olhar de biodiversidade e contenção do desmatamento.

Para este ano, temos altas expectativas. Esperamos que a COP28 seja uma oportunidade para superarmos as desconfianças e a sensação de falta de alternativas para garantir a segurança climática do planeta. Para o Brasil, uma oportunidade de reforçar as potencialidades do país na economia de baixo carbono e na bioeconomia, tendo em vista que a conservação dos biomas é primordial para o alcance dos compromissos climáticos, pois parte das emissões de carbono provêm do desmatamento.

“AS CHANCES DE LIMITAR O AQUECIMENTO GLOBAL A 1,5°C ESTÃO DIMINUINDO”

Luiza de Vasconcellos, *Head de Negócios ESG do Itaú BBA*

Fabio Luiz Guido, *Gerente de Sustentabilidade e Estratégia ESG do Itaú*

Foi possível observar grandes negociações do setor privado durante a COP27. O Itaú anunciou um importante investimento que irá contribuir com a agenda climática do Brasil: a criação da Biomas, empresa que atuará na restauração, conservação e preservação de biomas como Amazônia, Mata Atlântica e Cerrado.

Pela primeira vez, uma decisão de capa da COP incluiu o termo “soluções baseadas na natureza” - e uma seção dedicada à “floresta”. Brasil, Congo e Indonésia formalizaram uma parceria para cooperar na área florestal com foco em reduzir o desmatamento e manter florestas em pé, preservando a biodiversidade.

Os EUA também trouxeram as soluções baseadas na natureza para o centro das discussões. Por fim, os oceanos entraram pela primeira vez no texto. Precisamos aguardar o que será a aplicação prática dessas soluções.



Se nada for feito, a janela de oportunidade para atingirmos as metas climáticas e gerarmos negócios sustentáveis vai diminuir. É preciso que os compromissos sejam transformados em ações concretas e rápidas para conter o aquecimento global.”



Para que seja possível cumprir com as metas do Acordo de Paris, espera-se que para a COP28 os países participantes aumentem a ambição de suas Contribuições Nacionalmente Determinadas e apresentem maior detalhamento das ações que pretendem fomentar.

O governo brasileiro quer avançar com essa agenda. Mas a efetividade dessa ambição dependerá de um forte plano de ação e articulação com as partes interessadas, principalmente na questão do desmatamento.

“PRECISAMOS DE SÓLIDA GOVERNANÇA AMBIENTAL PARA ATRAIR INVESTIMENTOS”

Renata Amaral, *Sócia Sênior do Trench Rossi Watanabe*



A atuação do setor privado na COP27 foi vibrante. Tivemos diversos setores representados, incluindo a indústria de manufatura, o agronegócio, as empresas de energia, o setor financeiro, associações como a ICC e a AMCHAM e os prestadores de serviços relacionados ao mercado de carbono, como advogados e consultores.

Todos esses atores foram fundamentais para passar uma mensagem clara de que os negociadores não estavam em uma bolha: precisavam endereçar com a devida urgência a questão climática e avançar nos compromissos rumo a uma agenda positiva que já vem sendo implementada com vigor e seriedade pelo setor privado.



Espera-se muito do Brasil na COP28. Precisamos demonstrar uma estrutura sólida de governança ambiental e climática para atrair investimentos de longo prazo.”

Investimentos que contribuirão não só para a redução de emissões de gases de efeito estufa, mas também serão fundamentais para fazer avançar outros temas correlatos, como melhorias sociais e proteção da biodiversidade.

O setor privado pode contribuir com essa agenda positiva, organizando-se no âmbito de suas associações e trazendo soluções que aliem avanços tecnológicos e benefícios socioambientais. As empresas também têm como fornecer sua expertise colhida na atuação em outros mercados que já passaram por essa implementação e tenham lições importantes a compartilhar.

“ESPERO QUE A COP28 MARQUE A RECONSTRUÇÃO DA CREDIBILIDADE DOS COMPROMISSOS BRASILEIROS”

João Carlos Salgueiro de Souza, *Senior Sales Manager - Sustainability Solutions da Schneider Electric*

O principal avanço da COP27 ocorreu na frente de “perdas e danos”, com o compromisso de estabelecer mecanismos de apoio financeiro para os países mais expostos aos efeitos danosos das mudanças climáticas.



“**Considero que faltou nesta conferência uma abordagem mais incisiva sobre transição energética que criasse uma rota suave para a substituição dos combustíveis fósseis. Vimos retrocessos em compromissos já apresentados pelos grandes atores do setor energético, muito em função do contexto geopolítico e da crise desencadeada pela guerra na Ucrânia.**”

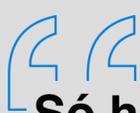
Acredito também que as mensagens passadas pelo setor privado foram um tanto dúbias. Por um lado, o engajamento sem precedentes das empresas reforçou a imagem de comprometimento e geração de impacto. Por outro lado, também trouxe à tona uma visão negativa de uma intensa atividade de lobby e influência. Essa visão pode, no futuro, fechar portas para uma participação mais efetiva de players que têm como contribuir para a descarbonização das economias.

Para a COP28, espero que seja o marco da consolidação de um processo de reconstrução da reputação do Brasil e da credibilidade de seus compromissos ambientais. É necessário rever nossa NDC. No mínimo devemos voltar à meta original e fazer com que o combate ao desmatamento deixe de ser uma política de governo para se tornar uma política de Estado.

“UMA TRANSIÇÃO JUSTA É FATOR DETERMINANTE PARA A PERENIDADE DOS NEGÓCIOS”

Malu Paiva, *Vice-Presidente Executiva de Sustentabilidade da Vale*

O setor empresarial precisa exercer um papel fundamental na agenda das mudanças climáticas e isso ficou ainda mais claro na COP27. Apesar dos setores de mineração e siderurgia serem intensivos em carbono, a Vale entende como um desafio único e uma excelente oportunidade para a perenidade do negócio.



Só há lugar no mundo para uma mineração sustentável, onde pessoas e natureza são colocadas como ponto central de todas as soluções.”

Hoje na Vale temos a capacidade de fornecer um níquel de alta qualidade e de baixo carbono para atender a demanda da indústria de carros elétricos.

Além disso, seguimos avançando na redução das nossas emissões. No escopo 1, para substituir o diesel, estamos testando equipamentos de mina subterrânea, locomotivas e caminhões elétricos, apesar do desafio de implementação deste tipo de tecnologia em nossas operações. No escopo 2, demos início recentemente a operação do Sol do Cerrado, uma das maiores plantas solares da América Latina. Essa nova planta nos ajudará a atingir a meta de termos 100% da energia elétrica que consumimos vinda de fontes renováveis no Brasil, em 2025 e, no mundo, até 2030.

Para nós, a agenda climática e a social caminham juntas e, portanto, uma transição justa é fator determinante para a perenidade dos negócios. Na região amazônica, onde estamos presentes há quase 40 anos, os projetos de proteção e recuperação têm como centro as pessoas e a geração de renda, com bioeconomia e sistemas agroflorestais.





Powered by
re|set